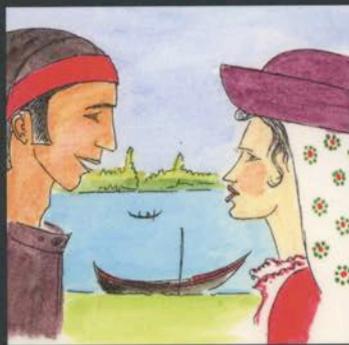


# Contos da Terra dos *Ílhavos*

Licínio Ferreira Amador



## Ficha Técnica

- Título:*  
Contos da Terra dos Ílhavos
- Autor:*  
Licínio Ferreira Amador
- Edição:*  
Autor
- Capa:*  
Manuel Valente Franco Morgado
- Revisão:*  
Domingos Freire Cardoso
- Ilustrações:*  
Manuel Valente Franco Morgado
- Fotografia:*  
Casimiro Madaíl
- Data da edição:*  
Novembro 2010
- Tiragem:*  
650 exemplares
- Execução gráfica:*  
Oficina Digital – Impressão e Artes Gráficas, Lda.  
Lote 15 • Zona Industrial de Taboeira  
Telefone 234 308 697 • 3801-101 Aveiro
- Depósito Legal:*  
319276/10



## Agradecimentos

*T*razer este livro à luz do dia foi, para mim, uma experiência única que me obrigou a um trabalho demorado, intenso e solitário que exigiu a aceitação, o sacrifício e a compreensão da minha Família, o que muito agradeço. Também do meu irmão Domingos recebi inspiração.

Quando os passos não eram firmes, no início desta caminhada, as palavras francas, claras e sabedoras de Rita Marnoto foram a agulha de marear que me indicou o rumo certo trazendo-me a este porto seguro. Pago-lhe em espécie, com uma Amizade profunda, incondicional e eterna.

No fim deste percurso, longo e nem sempre linear, o Domingos Cardoso recebeu o texto acabado de nascer e mondou-lhe as gralhas e aparou-lhe os contornos para que a sua beleza seja perceptível e resplandecente. Os meus agradecimentos pelo seu apurado trabalho de jardineiro atento e zelador eficiente destes canteiros de palavras.

*Entretanto o Manuel Morgado plantou-lhe as figuras que pastoreiam e guardam as frases que enformam este livro ao mesmo tempo que materializam as mensagens nelas contidas. Os meus agradecimentos pelo virtuosismo, sensibilidade e delicadeza da sua artistica pena.*

*A quebrar a solidão desta caminhada fui recebendo o incentivo, a aprovação e o carinho de muitos outros Amigos que sou incapaz de nomear, tantos eles foram.*

*Para todos os que contribuíram para a criação desta obra deixo aqui registada uma palavra de sentido e profundo agradecimento.*

*Licínio Ferreira Amador*



## Prefácio

### Uma poética da imaginação

Com este volume onde são reunidos doze contos, sob o título *Contos da Terra dos Ílhavos* o seu autor, o senhor Dr. Licínio Amador, vem dar um marcante contributo para o enriquecimento das terras ilhavenses. A obra insere-se num filão de incidência local cujas dimensões, nos últimos tempos, se têm vindo a dilatar progressivamente. Todavia, neste âmbito, cabe aos *Contos da Terra dos Ílhavos* um lugar de relevo, não só pela especificidade dos assuntos que nas suas páginas são tratados, mas também, e correlativamente, pela forma como modalidades narrativas muito em voga na actualidade são transpostas para o domínio da temática ilhavense.

Conforme o livro diz logo a partir do seu título, esta é uma escrita da *terra*, de apego ao torrão natal onde se nasce, onde se vive, e ao qual, mesmo aquele que levado pelos fados de uma cultura navegante acaba por aportar noutras paragens, fica para sempre ligado, como uma marca de

água que atesta a sua origem. A identidade antropológica de Ílhavo e das suas gentes é muito forte. Apesar da tendência para a homogeneização que hoje em dia se impõe, em tempos de globalização, as características da nossa terra continuam a ser prontamente reconhecidas quer por quem dela faz parte, quer por quem lhe dirige um olhar exterior. Reflectem-se nos mais diversos campos, que vão da linguagem à gastronomia, ao tipo de ocupações laborais, ao plano dos costumes, à condição feminina, às formas de convívio local e de relacionamento com o exterior, às técnicas construtivas desenvolvidas, ao artesanato ou às artes plásticas.

As particularidades dos *ilhavos*, captou-as Almeida Garrett de forma lapidar, logo no capítulo inicial das *Viagens na minha terra*. Conta o nosso primeiro romântico que os passageiros da embarcação em que navegava, Tejo acima, eram uma massa descaracterizada, onde se destacava, porém, um grupo de forcados ribatejanos. Levavam imprimidas na pele as escoriações próprias de quem há pouco tinha lidado numa praça de touros. Mesmo assim, os *ilhavos* que também seguiam viagem no barco chamaram à atenção de Garrett por serem absolutamente diferentes desse grupo: *amplo saioite grego dos varinos, e o tabardo arrequifado siciliano de pano de varas (...), estes são da família pelasga*. Será difícil apurar com alguma certeza o que sabia o autor das *Viagens na minha terra* sobre o saioite grego e o tabardo siciliano. Mas muito mais difícil seria aferir os seus conhecimentos acerca do povo pelasgo, um povo pré-helénico acerca do qual se têm escassíssimas informações. Na verdade, o que o ilustre escritor se esforça por captar é o fundo de uma realidade tão própria que os seus contornos não encontram pontos de referência numa envolvente imediata, tanto em termos temporais como em termos espaciais. No plano lexical, tradu-la através de um gentílico também ele muito particular *ilhavo*

A forma *ilhavo* coexiste com a de *ilhavense* esta última de formação erudita. *Ilhavense* deriva do nome da terra Ílhavo, ao qual se acrescenta o sufixo *-ense*, um sufixo nominal de origem latina que representa relação ou procedência. Por sua vez, o gentílico *ilhavo*, usado por Garrett, segue um processo de formação menos comum, com morfema zero, isto é, retomando tão só o nome da terra Ílhavo. Nele se reflecte a particularidade

daqueles viajantes que subiam o Tejo na mesma embarcação em que ia Garrett, *pelasgos de saio siciliano*.

A literatura produzida em Ílhavo ou por ilhavenses, sobre os seus costumes e os seus modos de vida, viria a despontar, de forma mais afirmativa, algumas décadas depois da publicação das *Viagens*, por primórdios do século XX. Desde logo lhe conferiu grande dinamismo a sua relação com o jornalismo e com várias actividades culturais e artísticas de incidência local, como o teatro ou as artes plásticas. Seria impossível recordar os vários nomes que nela se integram, e de entre os quais se contam, hoje, promissores jovens. Valham por todas, pois, duas referências: Diniz Gomes, autor de *Costumes e gente de Ílhavo*, pela primeira vez publicado em 1941 e que em 1989 saíu em edição facsimilada; e João Carlos Celestino Gomes, que explorou a cultura ilhavense ao longo de toda a sua carreira, através das mais diversas formulações artísticas.

*Contos da Terra dos Ílhavos* é à semelhança de *Costumes e gente de Ílhavo*, uma obra composta por uma sucessão de narrativas breves. De facto, a narrativa breve agiliza a captação de realidades que, a partir de uma plataforma comum, se desenvolvem por plurificação, proporcionando a focagem de situações e tipologias várias. A diversidade dos quadros coligidos pode assim encontrar, em cada uma das histórias, a dimensão desejável para a sua apresentação sob o enfoque mais apropriado. Mas, como escrevi logo ao iniciar esta introdução, a presente obra de Licínio Amador procede a uma renovação do modo de *contar a terra dos ílhavos*, quando sobrepõe, ao sistema narrativo tradicional, herdado do século XIX, novos arranjos sistémicos.

Um dos principais aspectos que traduz esse voltar de página é o modo como facticidade histórica e ficção literária se intersectam, através de uma poética firmada sobre a imaginação. A história de Ílhavo é a estrutura de suporte de cada uma das páginas do livro, como janela que se abre sobre um panorama onde se adensam afectos e impressões que a imaginação reconduz a um novo sistema expressivo, que é literário. Na sua introdução, o autor indica duas obras historiográficas, por sinal

de grande relevo, onde colheu, em particular, a informação a partir da qual construiu as suas histórias, *Fenícios na Ibéria - Ílhavo. Histórias das raízes* do senhor Domingos Amador, e *Ílhavo. Ensaio monográfico. Séc. X ao séc. XX*, do Senhor Engenheiro João Senos da Fonseca. Ora, a particularidade destes *Contos da Terra dos Ílhavos* reside na recriação de factos, historicamente fixados, com recurso a modalidades narrativas que, ora aquém, ora além do discurso da história, com ele mantêm um constante diálogo.

A recolha documental oferece ensejos e situações. Aliás, a ordem pela qual são dispostos os contos é cronológica e acompanha um percurso que se estende desde o século XIII ao século XIX. Trata-se da ordem que é habitualmente seguida por um manual de História, concebido em termos convencionais. Todavia, uma poética do imaginário transcende essas mesmas situações, projectando-as no universo de possíveis que é o universo da literatura, para contar o que poderia ter acontecido, como se poderiam ter desenrolado, em Ílhavo, vivências e situações de tempos passados. São hipóteses de real, hipóteses de personagens, de lugares, entretos e situações que, se não tiveram existência factual, a poderiam eventualmente ter tido, e a têm, efectivamente, na esfera da literatura. Essa transposição faz-se também através de notações subjectivas e de disfarces lúdicos depois complexificados através de uma nova leitura de escritores como Fernão Lopes, Luís de Camões ou Almeida Garrett. A literatura expõe-se como literatura, a recordar ao leitor a essência do seu próprio estatuto e do seu próprio imaginário.

Por consequência, a narrativa de Licínio Amador desestrutura as relações convencionais entre tempos, lugares, estratos sociais ou obras literárias, na medida em que ficcionaliza momentos pretéritos a partir das determinantes do presente. Daí resulta uma interrogação da linearidade do tempo, porque é da actualidade que dimana esse olhar lançado para um passado que é repensado e revisitado, e com ele o discurso histórico ou o discurso literário de autores consagrados. Essa revisitação explora as possibilidades de articulação entre os elementos da narrativa, fazendo proliferar imagens possíveis. Assim se gera um adensamento de significados, símbolos e palavras, como uma espécie de

concentrado de traços característicos que percorre transversalmente a narrativa, em constantes metamorfoses. Desta feita, a plurificação, em si mesma, faz-se límpido sinal da riqueza antropológica ilhavense.

*Contos da Terra dos Ílhavos* rasga, pois, uma zona franca entre história e literatura que constitui um novo modo de narrar. A literatura atinge um outro tipo de conhecimento específico, que só através dela pode ser alcançado, por via poética. A história ganha em brilho, enquanto grande reservatório de saber, sempre pronto para ser chamado a responder. No cerne desta intersecção, fica a imaginação literária, da qual Licínio Amador faz a veste poética sob a qual *conta a terra* ilhavense.

Rita Marnoto

A região de terra que do Sul, da região de Mira, se encaminha para Norte, até encontrar pela frente a povoação de S. Jacinto tem como limites, a Ocidente, o Canal de Mira e a Oriente o do Boço ou de Ilhavo. Estes dois braços da foz de Aveiro rodeiam-se de terra firme e referida povoação se formando o vértice de um triângulo em cujo lado situado próximo do oceano e caminharão de Sul para Norte, se localizaram as Galinhãs de Azeite, Vagueira, Carmo, Faldemão e, por último, a da Nazaré situada no referido vértice. O outro lado desse triângulo costeia, e agora para Nascente e caminhando de Norte para Sul, as Galinhãs de Aquém e da Boa Vista, assim como a vila de Vagos. As localidades de Aveiro e Ílhavo situam-se para Nascente da referida figura geométrica e separadas dela pelo rio Boço nos referidos terrenos a base deste hipotético triângulo situam-se a Sul, na região de Mira.

Nos referidos limites vivem as galinhões que, numa luta constante, conseguem transformar as águas onde só nasciam abrolhos em terras